

PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL E QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES DE PIRAPORA DO BOM JESUS-SP

Maria Angélica Costa *

Isabela Cabral Félix de Sousa **

RESUMO

Em julho de 2003, a equipe técnica da Divisão de Doenças Ocasionalmente pelo Meio Ambiente - DOMA, do Centro de Vigilância Epidemiológica - CVE, da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, tomou conhecimento dos problemas ambientais no município de Pirapora do Bom Jesus-SP, decorrentes da poluição do rio Tietê. O estudo baseou-se em metodologia qualitativa, tendo por objetivos o conhecimento e a identificação da percepção dos moradores, em relação à situação socioambiental do município e os possíveis inter-relacionamentos entre educação, saúde, ambiente e qualidade de vida. Foram utilizadas técnicas de grupos focais e entrevistas semi-estruturadas, com o total de 85 entrevistados, sendo 64 mulheres e 21 homens, com idade entre 15 e 77 anos. Pôde-se conhecer, identificar, analisar e discutir através do diálogo com e entre os moradores, a situação socioambiental do município e os impactos em sua qualidade de vida e saúde.

Palavras-chave: Percepção socioambiental; Qualidade de vida; Metodologia qualitativa.

* Mestre em Ciências pelo Instituto Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz (2006), educadora de saúde pública - Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo - Coordenadoria de Controle de Doenças - Centro de Vigilância Epidemiológica - Divisão de Doenças ocasionadas pelo Meio Ambiente. maryan_costa@hotmail.com.

* Doutora em Demografia na Università Degli Studi "Sapienza" (2004), trabalha como professora e pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. isabela_felix@yahoo.br

ABSTRACT

In July 2003, the technical team working at Divisão de Doenças Ocasionaladas pelo Meio Ambiente – DOMA, of the Centro de Vigilância Epidemiológica – CVE, of the Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, was warned about the environmental problems of Pirapora do Bom Jesus – SP, derived from the pollution of the Tietê river. This study was based on a qualitative methodology having as its general objectives to know the socioenvironmental conditions of the district and the possible interrelationships among education, health, environment and life quality. A total of 85 persons took part in the focal groups and in the semi structured interviews; 64 women and 21 men, with ages varying from 15 to 77 years old. Thus, it was possible to know, identify, analyze and discuss trough dialogue with and among the residents, the district's socioenvironmental conditions and the impact on their life quality and health.

Keywords: 1. Socioenvironmental perception 2. Life quality. 3. Qualitative methodology.

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da preocupação de um colega e técnico da Secretaria Municipal de Saúde de Pirapora do Bom Jesus – SP e da equipe da Divisão de Doenças Ocasionaladas pelo Meio Ambiente – DOMA, do Centro de Vigilância Epidemiológica – CVE, Coordenadoria de Controle de Doenças – CCD, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

A intenção era saber qual a percepção dos moradores em relação à situação ambiental do município em face da poluição do rio Tietê.

As dúvidas eram mais ou menos as seguintes: Como será que os moradores percebem a situação ambiental do município? O que será que eles percebem? Como a situação ambiental do município interfere na qualidade de vida e de saúde desses moradores?

Tais preocupações, que passaram então a fazer parte do trabalho de investigação epidemiológica da DOMA, no município de Pirapora do Bom Jesus – SP, também foram fontes de investigação sobre as percepções dos moradores.

No ano de 2003, o município esteve presente nos principais meios de comunicação do país: na mídia televisiva, através do “Jornal Nacional” da Rede Globo e do Jornal “Cidade Alerta” da Rede Record, ambos com abrangência nacional. Na mídia impressa, através dos jornais “O Estado de São Paulo”, “Folha de São Paulo” e “Diário de São Paulo”, circulantes no estado de São Paulo. Também foi notícia em todo o país, através da internet.

Foram várias reportagens sobre a espuma do rio Tietê, que invadia as casas dos moradores e a ponte que liga a cidade de um lado a outro, causando inúmeros problemas de saúde nos moradores. A camada de espuma, cuja espessura variava de 50 cm a 02 metros de altura aproximadamente, causava irritações nos olhos e na pele, problemas respiratórios, dentre outros.

Relatado pelos próprios moradores, o problema da espuma do rio Tietê causou grande impacto na população residente e em muitas pessoas que viram e ouviram falar do assunto.

A partir desse episódio, surgiu a necessidade de se conhecer a percepção dos moradores e os impactos em sua qualidade de vida e de saúde. O estudo baseou-se em metodologia qualitativa, tendo por objetivos o conhecimento e a identificação da percepção dos moradores, em relação à situação socioambiental do município e os possíveis inter-relacionamentos entre educação, saúde, ambiente e qualidade de vida.

2 – DESCRIÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

De acordo com a história, o capitão-mor e ouvidor Álvaro Luiz do

Valle visitou o atual município de Santana de Parnaíba – SP, para concessão de sesmarias a Jacome Nunes, Manoel de Alvarenga e Matheus Luiz. O local escolhido foi Pirapora, que em tupi significa “salto de peixe” (Pira=peixe e pora=pula) e onde se encontra atualmente a fazenda Salto de Pirapora (IBGE, 2005). Mais tarde as terras concedidas foram vendidas a José de Almeida Naves, considerado o fundador da cidade.

Pirapora do Bom Jesus foi fundada em 06 de agosto de 1730, tornando-se distrito com a denominação de Pirapora, em 17 de agosto de 1892, em terras de Santana de Parnaíba. Em 30 de novembro de 1944 sua denominação foi alterada para Pirapora do Bom Jesus e, apenas em 8 de fevereiro de 1959, foi elevada à condição de município autônomo (SEADE, 2005).

Em meados do século XVIII, escravos da fazenda de José de Almeida Naves encontraram na corredeira do rio Tietê a imagem do Senhor Bom Jesus em tamanho natural. Em 06 de agosto de 1725, foi realizada a primeira missa pelo Padre Izidoro Pinto de Godoy, vigário de Parnaíba (IBGE, 2005).

Figurou como vilarejo missionário e sua importância ficou sempre atrelada à sua função religiosa. Ao abrigar na cidade uma imagem do Senhor Bom Jesus, encontrada às margens do rio Tietê, passou a ser pólo de atração de romeiros em constante movimentação (SEADE, 2005). Atualmente, Pirapora do Bom Jesus pertence à Região Metropolitana de São Paulo juntamente com mais 38 municípios. A distância da capital paulista até o município é de aproximadamente 54 km (SEADE, 2005).

3 – MÉTODOS E MATERIAIS

O estudo baseou-se em metodologia qualitativa, cujas características são descritas a seguir: a) o objeto das ciências sociais é histórico; b) o objeto de estudo das ciências sociais é a consciência

histórica; c) deve existir uma identidade entre sujeito e objeto; d) ela é intrínseca e extrinsecamente ideológica (Minayo, 2003).

Para a realização deste trabalho, optou-se pela amostra intencional não probabilística. Richardson (1999) colocou que os elementos formadores da amostra relacionavam-se intencionalmente de acordo com certas características formuladas pelo pesquisador.

Essa amostragem é adequada para selecionar pessoas para uma amostra que represente, por exemplo, o julgamento da população sobre um determinado aspecto. Pode-se não desejar generalizar os resultados obtidos para toda a população, mas obter idéias (Rudio, 2001).

Em relação à valorização dos critérios de representatividade qualitativa, Thiollent (2003) coloca que, mesmo em uma pesquisa convencional, o pesquisador que deseja realizar entrevistas aprofundadas recorre às amostras intencionais.

Trata-se de pequeno número de pessoas selecionadas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam no tocante a determinado assunto. As pessoas ou grupos são selecionados em função de sua representatividade social dentro da situação considerada (Thiollent, 2003).

Outra concepção interessante de seleção gradual como princípio geral utilizada na pesquisa qualitativa é a de Flick (2005). Para ele, o princípio básico da amostragem teórica é a seleção de casos ou de grupos de casos de acordo com critérios concretos que digam respeito ao seu conteúdo, em vez de utilizar critérios metodológicos abstratos. O autor coloca, ainda, que a continuidade da amostragem dá-se de acordo com a relevância dos casos e não com sua representatividade.

Na pesquisa qualitativa, preocupa-se menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão de um grupo social (Minayo, 2004), portanto com um critério não-numérico. A amostra selecionada deverá ser capaz de refletir a totalidade nas suas

múltiplas dimensões.

3.1 – Grupo focal

O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa que pode ser utilizada pelo pesquisador no entendimento das percepções, atitudes, sentimentos, valores e crenças de determinado grupo social. Autores como Carlini-Cotrim (1996), Westphal, Bógus e Faria (1996) e Iervolino e Pelicioni (2001) afirmam que ela não é adequada para os estudos de frequência com que determinados comportamentos e opiniões ocorrem.

A técnica de grupo focal, que se propõe à investigação das discussões de grupos de pessoas, é definida por Powel et al. (1996, p. 499) como “um grupo de pessoas selecionadas, sendo este construído por pesquisadores, para discussão e comentários de suas experiências pessoais, sobre algum tópico que é assunto de pesquisa”.

O grupo focal tem sido utilizado em vários países para a estruturação de ações diagnósticas e levantamento de problemas; para o planejamento de atividades educativas, como objeto de promoção em saúde e meio ambiente; e também pode ser utilizado na revisão do processo de ensino-aprendizagem (Iervolino e Pelicioni, 2001).

3.2 – Entrevistas semi-estruturadas

A entrevista semi-estruturada é um dos principais instrumentos que o pesquisador utiliza na pesquisa social com abordagem qualitativa.

Triviños (1987) privilegiou a entrevista semi-estruturada porque, segundo ele, ela valoriza a presença do pesquisador e também oferece oportunidades para que os participantes alcancem liberdade e espontaneidade, enriquecendo, assim, a investigação.

A definição do termo entrevista foi colocada de forma clara e objetiva por Richardson (1999, p. 208), ao afirmar que: “o termo

entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas”.

A discussão do conceito de entrevista como técnica de coleta de informações é amplo. Minayo (2004) aponta dois aspectos importantes que colocam a entrevista na arena de conflitos e contradições, retirando-na do campo supostamente neutro da coleta de dados.

Minayo (2004) considera a palavra como símbolo de comunicação. Para a autora, o que torna a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de dados nas ciências sociais é a possibilidade de que a fala seja reveladora das condições estruturais, dos sistemas de valores, normas e símbolos e, ao mesmo tempo, possa transmitir as representações de determinados grupos em condições socioeconômicas, culturais e históricas específicas.

Sendo a palavra o símbolo de comunicação e o diálogo, a possibilidade de se ouvir o outro, coloca-se o dialogismo de Bakhtin, que considera a palavra como a forma mais pura das relações sociais. Para o autor, “o material privilegiado de comunicação na vida cotidiana é a palavra”. (Bakhtin, 2004, p. 37).

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a metodologia proposta e as técnicas de grupos focais e de entrevistas semi-estruturadas utilizadas no trabalho de campo que ocorreu entre outubro/novembro de 2004 e dezembro de 2005, o resultado da coleta de dados foi o seguinte: 85 participantes no total, sendo 64 = 75,29% mulheres e 21 = 24,71% homens. A faixa etária dos participantes variou entre 15 e 77 anos.

Foram realizados três grupos focais nos dias 26.10.2004, 05.11.2004 e 12.11.2004, com aproximadamente 01h30min de duração em cada um.

A condução dos três grupos focais foi realizada pela autora deste

trabalho, que teve a função de moderadora/facilitadora e os observadores/relatores foram os agentes comunitários de saúde do município. A participação dos agentes comunitários de saúde na escolha dos participantes e como observadores/relatores foi positiva porque incentivou os moradores a participarem dos grupos focais e facilitou o diálogo entre a pesquisadora e os moradores do local em estudo.

A análise dos grupos focais foi realizada à luz da teoria de Mikhail Bakhtin, que valoriza justamente a interação verbal, afirmando sua natureza social e não-individual. Bakhtin (2004, p.14) afirma que “a fala está indissolavelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais”. Se a fala assume tal grau de importância social e política, a atenção que se deve dedicar ao diálogo é indiscutivelmente grande.

Para a análise dos dados coletados nos grupos, selecionaram-se alguns episódios, entendendo por episódio, trecho(s) do diálogo que contemplavam as questões-chave contidas no roteiro de debates.

Tais episódios tiveram vários enunciados, sendo estes formados por frases, palavras ou até mesmo pelo silêncio. Definiu-se, no presente trabalho, que os enunciados eram equivalentes às frases ditas pelos participantes e que poderiam variar em número de frases, de acordo com o diálogo estabelecido pelos participantes dos grupos focais.

Os episódios abaixo foram identificados como estando ligados à maneira pela qual os moradores perceberam sua situação da saúde e a situação ambiental do município e as possíveis relações dessas situações com sua qualidade de vida.

A seguir selecionaram-se os episódios advindos do diálogo com e entre os moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP:

“Antigamente não era assim, a gente pescava e tinha muito peixe”. (A mãe respondeu à filha, enquanto olhava para o participante à sua

frente, como se estivesse esperando que o outro confirmasse suas palavras). [E.G.N., dona de casa, 60 anos].

“O mundo está mudado, antigamente o povo andava por aqui, bebia água do rio, pescava, era a coisa mais linda; hoje o rio está desse jeito”. (O participante confirmou as palavras ditas anteriormente, balançando a cabeça em sinal afirmativo). [F.A.S., autônomo, 57 anos].

Antigamente, tempo não precisado por eles, o rio tinha um aspecto agradável e provia o sustento das pessoas que moravam às suas margens. Hoje com a poluição, está degradado e por isso seus habitantes têm a saúde prejudicada.

Na fala dos participantes sobre sua percepção em relação à qualidade de vida, percebeu-se que esta não se deu apenas momentaneamente, naquele momento preciso. Os moradores têm plena consciência dos impactos causados pela poluição do rio.

O diálogo, iniciado pelos três participantes e estendido para o grupo todo, é referenciado num passado que não foi precisado por eles, mas é extrapolado para um futuro, no qual poderá ou não haver perspectivas de melhoria. Os integrantes discutiram sobre o tema qualidade de vida e fizeram propostas de melhoria. De acordo com Moraes (2005), as categorias que surgem durante a pesquisa são denominadas categorias emergentes.

“Na Bahia tinha problema de mau cheiro por causa da lagoa, mas o prefeito acabou com a lagoa e construiu casas para as pessoas e melhorou”. [T.D.S., dona de casa, 57 anos].

“Eu não concordo, o rio já tem sua nascente e também não tem como habitar os moradores”. [A.S.S., aposentado, 62 anos].

“Em Pirapora não tem condições para fazer o mesmo. É mais possível limpar o rio, correr atrás das indústrias e fiscalização”. [J.M., dona de

casa, 50 anos].

Selecionou-se este episódio por estar relacionado com propostas de melhoria da qualidade de vida e pelo diálogo que suscitou uma atitude responsiva ativa dos participantes.

Durante tal atividade, foi possível constatar que os moradores da cidade não se vêem como agentes poluidores, deixando a responsabilidade do estado lamentável do rio por conta de seus vizinhos de município.

No caso dos moradores, eles perceberam o que foi realizado por outros e o que pode ser realizado (ou não) também em Pirapora para melhorar as condições do rio e, conseqüentemente, melhorar suas condições de vida e de saúde.

Seja através da confirmação, negação ou simplesmente do silêncio do outro, o diálogo sempre demanda uma resposta. Ele só se concretiza quando dois ou mais participantes interagem e quando, segundo Bakhtin (2003, p. 275), “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva”. As enunciações pronunciadas pelos participantes advêm de enunciações anteriores e suscitam novas enunciações.

Cada enunciado de um participante é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados, em que falante e ouvinte dialogam e suscitam atitudes responsivas, transformando-se, assim, em interlocutores da comunicação discursiva.

Ainda de acordo com Bakhtin (2003), a enunciação é a unidade de base do diálogo. Ela é de natureza social e, portanto, ideológica. Segundo ele, a enunciação não existe fora de um contexto histórico e social.

No episódio anterior, a participante referiu-se a uma situação particular ocorrida na Bahia e que poderia ser utilizada em Pirapora do

Bom Jesus – SP, da mesma forma e com resultados positivos, segundo a participante.

Ao término de sua fala, outro integrante discordou da situação exemplificada, afirmando que o rio Tietê tem uma nascente e que não teria como possibilitar a habitação dos moradores (construir-se casas para os moradores).

Por último, outra ainda esclareceu que em Pirapora não existem condições para fazer a mesma coisa que foi feita na Bahia; contudo, pode ser realizada a limpeza do rio e a fiscalização das indústrias do município.

Na perspectiva proposta por Bakhtin (2004), a filosofia marxista coloca a linguagem como base de sua doutrina e a enunciação como realidade da língua e estrutura socioideológica.

Para o autor, o signo e a situação social estão ligados. Segundo ele, todo signo é ideológico. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais. Isso, no entanto, não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano” que se exprime na vida é o espaço onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

Destaca-se a seguir mais um episódio retirado do grupo focal realizado no dia 26.10.2004. Nele identificou-se uma melhor compreensão do papel do outro, sob a óptica bakhtiniana e reflexões sobre o diálogo original e seus vários desdobramentos:

“O saneamento básico deveria ser feito nas grandes cidades com tratamento adequado para que não chegasse tão poluído aqui”. (Falava olhando para os colegas que estavam sentados à sua direita). [H.F.O., agente comunitária de saúde, 42 anos].

“A população do Jardim Bom Jesus está pagando taxa d’água para poluir o rio”. (Falava indignada e com voz alterada). [M. S., agente comunitária de saúde, 23 anos].

“A poluição vem de São Paulo e de outros municípios e deságua tudo em Pirapora”. (Balançava a cabeça em sinal afirmativo, respondendo ao enunciado anterior). [D.C.J., agente comunitária de saúde, 39 anos].

Percebeu-se o papel do outro no diálogo entre os participantes, neste episódio. Era como se o outro ou os outros estivessem presentes e/ou pudessem participar do diálogo. A partir do momento em que os participantes nomeavam outros participantes, estes também tinham presença no diálogo, porém sua atitude responsiva era nula (Bakhtin, 2003).

Na relação dialógica, o papel do outro pôde ser evidenciado conforme o enunciado e desempenhou papel importante no diálogo entre o falante e o ouvinte. Pressupôs-se ainda uma terceira pessoa que Bakhtin (2004) definiu como sendo um destinatário superior, isto é, aquele que antecipou a compreensão de um enunciado, querendo dizer que previu sua compreensão num espaço metafísico ou num tempo histórico distante. De acordo com Souza (1995, p.110):

[...] cada diálogo se efetua como se existisse um fundo de compreensão-resposta de um terceiro que o presencia (o diálogo) de forma invisível e que está acima de todos os participantes do diálogo.

Era como se os participantes do diálogo se comunicassem com esse destinatário superior, em tempo e espaço distantes e indeterminados.

O diálogo e a interação verbal entre os participantes e a pesquisadora foram extrapolados para um terceiro participante que Bakhtin (2004) denomina como destinatário superior.

Nesse trecho do diálogo, percebeu-se que o outro é aquele que polui o rio, ele é a fonte do problema, ao passo que o outro – no caso dos romeiros, como foi dito por uma ACS – é quem responsabiliza os

moradores de Pirapora do Bom Jesus pela poluição do rio.

Foi interessante perceber que o papel do outro se mescla na fala dos participantes, propiciando uma dupla interpretação de quem polui e de quem sofre com a poluição do rio.

Apesar dessa extrapolação, percebemos a responsabilização do outro na perspectiva desses moradores em relação à situação ambiental e à poluição do rio.

No episódio a seguir, o papel do outro tem significado diferente para os participantes do grupo focal realizado no dia 05.11.04, em relação aos participantes do grupo focal realizado no dia 26.10.04, citado anteriormente:

“Não há meio de fazer uma escoação para fazer um tratamento da água do rio”. (Falava aos outros participantes de forma negativa como se nada pudesse ser feito). [A.S.S., aposentado, 62 anos].

“Não tem um programa de fiscalização do rio?” (Perguntou diretamente para a mulher que estava a seu lado). [S. M., aposentado, 65 anos].

“Tem uma forma barata e rápida para limpar o rio?”. (Perguntou a todos indistintamente). [T.T.S., dona de casa, 39 anos].

As possíveis alternativas para minimização dos problemas decorrentes da poluição do rio Tietê refletiram-se em suas falas e por isso, concordou-se com o que foi exposto pelos moradores, pois os fatos relatados foram ao encontro dos problemas decorrentes da poluição do rio no município.

O quadro de poluição do rio Tietê vem se agravando a cada ano e os moradores da cidade ressentem-se com a situação ambiental e com sua condição de saúde. Procurou-se, através desses episódios, dar voz aos moradores para que eles tivessem oportunidade de expressar suas opiniões, sentimentos e percepções sobre a situação ambiental e como isso se relaciona com sua qualidade de vida.

Bakhtin (2004) nos ensina que, embora as relações dialógicas

desdobrem-se em inúmeras compreensões do papel do outro, nessas relações elas não se dão apenas na interação verbal, mas também em outros aspectos da comunicação.

Conforme relato dos participantes, existe a cobrança sobre a conscientização dos moradores de São Paulo em relação à poluição do rio.

Percebe-se que o diálogo entre os participantes extrapolou as questões de responsabilização e partiu para reflexão e atuação pró-ativa em relação às possibilidades de melhoria das condições ambientais.

Segundo Bakhtin (2003), a palavra, sendo unidade da língua inserida no diálogo, não pertence unicamente ao falante: o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala e que ressoam na palavra do autor. Ele afirma que tudo o que é dito está situado fora da alma do falante e não pertence somente a ele.

Nenhum falante é o primeiro a falar sobre o tópico de seu discurso. De acordo com o autor, o falante não é o Adão bíblico que nomeia o mundo pela primeira vez. Cada um de nós encontra um mundo que já foi articulado, elucidado, avaliado de muitos modos diferentes e falado por alguém. Ao usar as palavras para falar sobre um determinado tópico, encontramos-lo já habitado por outras falas, de outras pessoas.

As informações coletadas nos grupos focais produziram vasto material, porém, devido à falta de tempo em dar continuidade às análises, limitou-se nesta pesquisa a relacionar os conteúdos advindos dos grupos focais.

Durante a análise dos grupos focais, as categorias a priori foram selecionadas e descritas de acordo com os objetivos da investigação, a saber: a relação histórica entre as condições do rio e a atual situação do rio, a atual situação dos moradores e qualidade de vida.

A entrevista semi-estruturada complementou as informações obtidas na coleta de dados dos grupos focais e enriqueceu a pesquisa,

sendo realizadas após um ano de reuniões dos grupos focais, visando complementar as informações obtidas.

A necessidade de obter-se conhecimentos mais detalhados sobre a situação de saúde dos moradores, a situação ambiental do município e as possíveis inter-relações com sua qualidade de vida proporcionaram um enriquecimento maior da análise dos dados, servindo também como norte para as possibilidades de atuação conjunta sobre os problemas percebidos pelos moradores.

Mergulhando nas entrevistas, transcreveram-se para esta pesquisa, aspectos relevantes, obtidos a partir das duas categorias a priori, que foram as mesmas categorias utilizadas nos grupos focais. São elas: a relação histórica entre as condições do rio e a atual situação do rio e a atual situação dos moradores e qualidade de vida.

Como o tema qualidade de vida é muito amplo, emergiram do texto outras categorias que foram denominadas emergentes de acordo com Moraes (2005). Quando se perguntou aos moradores o que entendiam por qualidade de vida, foram obtidas as seguintes respostas:

“Tem que ter saúde, né (não é)? Menos violência, educação que é bicho feio, a violência tá batendo recorde. A menina não quer estudar, só quer bagunçar”. [Z.A.S., aposentada, 69 anos].

“Eu acho que a pessoa tem que ter alimentação, boa água para tomar. Sem alimentação não tem padrão de vida”. [B. R., aposentado, 66 anos].

“Saúde, trabalho, lazer. Uma vida social no município, conhecer tudo, ter uma vida popular”. [M.J.S., conselheira tutelar, 43 anos].

Essa percepção dos moradores do que seja qualidade de vida, relaciona-se com suas condições atuais e é motivo de preocupação. No episódio anterior, foi possível identificar o entendimento de qualidade de vida relacionado às condições de saúde, educação, violência,

alimentação, trabalho e lazer.

Em outro episódio, os moradores referiram-se diretamente aos problemas causados pela poluição do rio Tietê como fator condicionante de sua qualidade de vida:

“Qualidade de vida? Aqui? Se não tivesse esse fedor do rio. Esse cheiro mata a gente”. [I.A.P.L., dona de casa, 37 anos].

“Aqui tá muito ruim por causa da espuma do rio. A roupa fica toda suja”. [S.M.D.M., diarista, 32 anos].

O entendimento da qualidade de vida, segundo a percepção dos entrevistados, está diretamente ligado à poluição do rio Tietê, sendo explicitado através de suas falas o aspecto negativo da situação.

Outro aspecto importante referente à temática foi o relato dos moradores sobre a percepção que eles tinham do tema qualidade de vida. Muitos fizeram referência direta às suas condições de saúde e aos impactos negativos na qualidade de vida decorrentes da poluição do rio Tietê.

“Aqui? Eu acho que não, não sei por que, mas eu acho que não tem. Falta saúde, falta um monte de coisas”. [A.C.T., borracheiro, 50 anos].

“Nós vivemos aqui porque não tem outro lugar pra morar, tem muita poluição, tem espuma no rio”. [M.A.V.L., dona de casa, 36 anos].

“Eu acho que não porque não tem trabalho e o cheiro do rio deixa a gente doente”. [J.P.S., desempregada, 22 anos].

Outros moradores responderam que a qualidade de vida poderia ser melhor se houvesse mais emprego.

Mais categorias estabelecidas a priori neste estudo, como situação do município, meio ambiente e do rio Tietê, descritas no episódio abaixo, fornecem uma compreensão detalhada das percepções dos

moradores.

“Eu acho que tá ruim porque a gente precisava de remédio. O rio tá ruim, meus netos têm sinusite, rinite alérgica, não dormem à noite, batem-se, ronqueira, a boca aberta, o nariz entupido”. [M.L.L.R., dona de casa, 66 anos].

“Agora está assim essa espuma (aponta para a espuma do rio que está se desprendendo por causa do vento), à noite o cheiro vem para dentro de casa”. [E.C.I., estudante, 15 anos].

Outros moradores que possuíam percepções semelhantes da situação do município, meio ambiente e situação do rio Tietê, tinham informações mais detalhadas sobre a questão. No episódio abaixo, percebeu-se o grau de interação e informação sobre as categorias acima citadas.

“Ambiental? Eu acho que é ruim por causa da poluição do rio. Quem conheceu isso aqui há trinta anos atrás e vê hoje [...] aqui quando solta a represa e a espuma solta, a garganta fica seca e arde a respiração. Na época da seca, tem pouca chuva, junho e julho. Fim de ano chove mais, a água corre mais”. [A.C.T., borracheiro, 50 anos].

“Está bem ruim porque o ar é muito poluído, o rio, as firmas. Tem essa pedreira que solta um pó, ninguém agüenta. O pessoal já chamou a CETESB e eles não tomaram providência”. [L.B.S., porteiro, 37 anos].

Das 30 pessoas que responderam sobre sua percepção em relação ao estado do município, meio ambiente e situação do rio Tietê, 03 entrevistados, ou 10%, responderam que a condição é boa se não fosse pelo rio. Houve contradição nas respostas, pois os três moradores dizem que a cidade é boa, porém não acham o mesmo em relação ao rio:

“Só pelo rio que não é boa. O resto é tudo bom”. [Z.M.P., dona de casa, 60 anos].

“Aqui é bom, mas a poluição do rio. Ninguém tem saúde”. [E.L.F., aposentado, 76 anos].

“A gente tem um ar bom, fica um pouco denso porque quando esquenta evapora e fica forte o cheiro. No calor o pronto socorro fica cheio de criança para tomar inalação”. [M.S.S., marceneiro, 34 anos].

Em relação à situação do município, meio ambiente, rio Tietê e as possíveis relações com qualidade de vida e de saúde, obtiveram-se uma melhor compreensão de acordo com o episódio abaixo.

“Deve ter alguma pesquisa. Tem muito problema respiratório em crianças e adultos. Tomo vacina todo ano e fico gripado. Não fumo, não bebo”. [A.C.T., borracheiro, 50 anos].

“Eu acho que sim porque quando vou para minha mãe no sítio dela eu não sinto nada. Quando chego aqui começa tudo por causa do cheiro. Meu irmão nem vem aqui em casa por causa do cheiro”. [I.A.P.L., dona de casa, 37 anos].

“Meu menino tem bronquite por causa do rio. A casa fede, a gente está acostumado. O ar está ardido, fica tudo parado na garganta. O rio cheira podre, cheira porco. Minha mãe lavava roupa no rio, hoje não dá para lavar roupa”. [L.C.F., dona de casa, 33 anos].

Percebeu-se que a poluição do rio afeta a saúde dos entrevistados causando diversas doenças. Alguns relacionaram outros locais de moradia onde não teriam problemas de saúde.

Outros moradores referiram-se às doenças de maneira mais abrangente, porém relacionada com a poluição do rio, com o mau cheiro e com a espuma.

O período de seca, que em São Paulo vai de maio a agosto aproximadamente, foi mencionado por alguns moradores como sendo o

mais crítico e de maior poluição. Também no meio do dia, quando o sol está mais forte, o mau cheiro é intenso e por vezes torna-se insuportável.

No final das entrevistas, os moradores puderam dar sugestões e fazer propostas para melhoria das condições ambientais do município e conseqüente melhoria de suas condições de vida e saúde, conforme segue:

“Primeira coisa. Deveria colocar tela pra proteção das crianças. Quando chove a água corre e não tem cheiro. Quando fecha, Deus me livre, é terrível”. [O.R.L., dona de casa, 45 anos].

“Pode. Tratar a rede de esgoto em São Paulo. Fazer a rede aqui, fazer um tratamento com ele, 50% a 60% poderia melhorar. Não jogar esgoto sem tratamento”. [I.R.O., babá, 25 anos].

“É continuar o tratamento do rio. O rio poderia passar por baixo, como é em Barueri. Poderia bater uma laje para o rio melhorar”. [A.G.A., dona de casa, 53 anos].

Alguns moradores sugeriram a continuidade do tratamento da rede de esgotos, outros sugeriram que a fiscalização fosse feita em Pirapora do Bom Jesus e em São Paulo. Também foi sugerido que o rio fosse canalizado e que houvesse rede de esgotos no município.

As sugestões e propostas dos moradores envolviam outros municípios e outras instituições que poderiam estar incluídas em ações de despoluição e de canalização do rio.

Percebeu-se, também, que os moradores tinham pouca ou quase nenhuma apropriação de suas responsabilidades em relação às condições ambientais e que não se sentiam capazes de realizar nenhuma mudança e nem de contribuir para a melhoria das condições ambientais do município, como demonstra o episódio abaixo:

“Não tem o que fazer não. Uma pessoa só não faz nada. Tem que vir

de lá de cima. A sujeira vem de lá, jogam tudo no rio. O esgoto aqui é todo tratado, aqui já está ligado”. [Z.M.P., dona de casa, 60 anos].

“Eu acho que não porque é difícil. A gente pára de jogar lixo, mas outros jogam”. [S.R.A., dona de casa, 33 anos].

“Eu acho que não porque não está na minha altura, sou tão pequeno”. [L.B.S., porteiro, 37 anos].

Alguns moradores sentiam-se impotentes diante da situação e colocaram a responsabilidade em outras pessoas. A questão da mobilização social e participação comunitária foram referidas como possível estratégia de fortalecimento em nível individual e coletivo desses moradores a ser trabalhada para que esses quadros de impotência, descritos no episódio acima, sejam revertidos.

Aproximadamente 70% dos participantes acharam que podiam contribuir, mostrando grande entusiasmo em suas falas:

“Com certeza, trabalho voluntário, dando palestras, fazer um grupo, fazer visita, ter fiscalização. A maioria da sujeira é das firmas, das indústrias. Hoje é difícil ter alguém que ajude. Se a firma em São Paulo está levando multa, ela não vai mais jogar”. [M.J.S., conselheira tutelar, 43 anos].

“Eu acho que pode. Não jogar o esgoto no rio. Evitar jogar lixo. Se ele fosse limpo, podia navegar nele, ter um barquinho. Poderia contribuir com algum serviço. Se todos participam fica mais criativo”. [I.R.O., babá, 25 anos].

Os moradores têm uma atitude pró-ativa em relação à sua contribuição para a melhoria das condições do rio. Essa atitude pode se dar através de estratégias de atuação e minimização da problemática ambiental na cidade.

5 – CONCLUSÕES

Utilizou-se a metodologia de pesquisa social com abordagem qualitativa no campo da saúde e da educação como base para esta pesquisa e tendo o ambiente de Pirapora do Bom Jesus – SP como cenário.

Conseguiu-se ajuizar os episódios, sob as óticas de Bakhtin (2003, 2004), nas análises de percepção e interação verbal e de acordo com Moraes (2003, 2005), na análise textual discursiva.

Destaca-se, mais uma vez, que a oportunidade de conversar com os moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP – foi possível porque os ACS – PSF ajudaram o pesquisador no processo de inserção na comunidade, que ocorreu durante todas as fases da pesquisa e antes mesmo deste estudo ser idealizado.

Outro aspecto interessante a ser considerado no diálogo é a utilização do neologismo “unitarização”, por Moraes (2003), que o define como um processo de fragmentação, do qual resultam unidades de análise pertinentes ao objeto de pesquisa.

Para aquele autor, analisar significa dividir e, com base nessa divisão, construir uma melhor compreensão do todo.

Partindo da construção teórica proposta por Bakhtin (2003, 2004) e por Moraes (2003, 2005), enfatizou-se a importância do diálogo nas relações cotidianas. Através dele, foi possível conhecer a percepção dos moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP, dos determinantes e condicionantes do processo saúde/doença e de suas possíveis relações com a situação socioambiental e com a poluição do rio Tietê.

Através dessa relação dialógica, em que são valorizados o outro e as circunstâncias sociais do diálogo, conseguiu-se discutir e conjecturar sobre possíveis propostas de trabalho em conjunto com o município, que são as seguintes: recolhimento das garrafas plásticas que bóiam no rio, a coleta regular e o destino final do lixo, a maior fiscalização das

indústrias, melhores serviços de saúde, maior participação deles nas decisões e nos projetos da região e a integração das propostas na agenda municipal. Tais propostas visam à minimização e/ou solução dos problemas socioambientais.

Refletiu-se sobre a maneira pela qual aqueles moradores se expressam e utilizam o diálogo como meio de comunicação, na vida cotidiana e nas relações do dia-a-dia com parentes, amigos, vizinhos e outros.

Na vida e nas relações cotidianas, a palavra é, sem dúvida, o material privilegiado da comunicação. A ideologia do cotidiano se expressa por meio de cada ato, gesto ou palavra. Os sistemas ideológicos constituídos e a ideologia do cotidiano se constroem e reconstroem, em constante interação dialógica.

Conhecimentos, percepções, discussões, reflexões e atuação pró-ativa são instrumentos que podem oferecer ao outro, a nós mesmos e a todos os atores envolvidos nesse processo histórico, cultural, social e ambiental, a oportunidade de reafirmação enquanto sujeitos e cidadãos. Por isso, inúmeras vezes foi repetido ser essencial o repensar do diálogo a partir do outro.

REFERÊNCIAS

Bakhtin MM. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes; 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Hucitec; 2004.

Carlini-Cotrim B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. *Rev Saúde Pública* jun. 1996; 30(3): 285-93.

Flick U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2.ed. Porto Alegre: Bookman; 2005.

Freitas MTA. *Vygotsky & Bakhtin: psicologia e educação: um intertexto*. 4.ed. São Paulo: Ática; 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [homepage]. Brasil: IBGE;c2005.

- [citado 20 nov 2005]. *Perfil dos municípios brasileiros*. Disponível em:<http://www.biblioteca.ibge.gov.br/vizualizacao/dtbs/saopaulo/piraporadobomjesus.pdf>
- Iervolino SA, Pelicioni MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Rev Esc Enf USP* jun 2001; 35 (2):115-21.
- Minayo MCS (org), Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 22.ed. Petrópolis: Vozes; 2003.
- Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8.ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
- Moraes R. Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*. 2003; 9(2): 191-211.
- Moraes R. Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: Galiuzzi MC, Freitas JV (orgs). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. Ijuí: Unijuí; 2005. p.85-114.
- Powell RA, Single HM, Lloyd KR. Focus groups in mental health research: enhancing the validity of user and provider questionnaires. *Int J Social Psychol* 1996;42(3):193-206.
- Richardson R.J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas; 1999.
- Rudio FV. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. 29.ed. Petrópolis: Vozes; 2001.
- SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (São Paulo) [homepage]. São Paulo: Fundação SEADE; c2005. [citado 10 nov 2005]. Perfil municipal de Pirapora do Bom Jesus. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/hist/hist_391.pdf.
- Souza SJ. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. 2.ed. Campinas: Papirus; 1995. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).
- Thiollent M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 12.ed. São Paulo: Cortez; 2003. (Coleção Temas Básicos de Pesquisa-Ação).
- Triviños ANS. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas; 1987.
- Westphal MF, Bógus CM, Faria M. *Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil*. Bol Oficina Saint Panam. 1996; 120(6): 472-81.

